

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

## A tarefa de visitar

História de [Fábio Guilherme Garcia](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 17/02/2021

---

Projeto Aché Vai Contar Sua História

Realização Instituto Museu da Pessoa

Entrevista de Fabio Guilherme Garcia

Entrevistado por Stella

Recife, 22 de Janeiro de 2002

Código: ACHÉ\_CB043

Transcrito por Maria da Conceição Amaral da Silva

Revisado por Juliano de Lima e Ana Luíza Ferreira

P/1 – Para começar eu queria que você dissesse o seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Bom, Fábio Guilherme Garcia; 29 de fevereiro de 1972, que eu nasci; e Natal, natural de Natal no Rio Grande do Norte, né?

P/1 – E pelo Aché você atua em Natal?

R – Atuo em Natal. Sempre em Natal.

P/1 – Como foi a sua entrada no Aché?

R – Olha, eu já trabalhava no ramo, né? Trabalhava em outra casa na indústria farmacêutica já há um ano, praticamente um ano. E surgiu o convite para trabalhar no Aché, onde eu tive realmente a oportunidade de participar desse processo seletivo. Isso em 1995. E graças a Deus, tudo correu bem. E então, no dia 10 de abril de 1995 eu ingressei minha história aí no Aché, nesse período.

P/1 – Então não teve muita surpresa para você porque você já vinha de outro laboratório? Como foi?

R – Olha, em termos de trabalho, do dia a dia, realmente não. Porque eu já fazia esse trabalho, né, visita médica. Mas eu vinha de uma casa onde nós trabalhávamos, era uma casa menor e não tínhamos de certa forma o apoio, o treinamento que o Aché na ocasião me ofereceu. E todos os benefícios. Então para mim as novidades foram nesse sentido, porque eu tinha uma casa menor, mas não tínhamos, por exemplo, para fazer reunião, a gente não tinha praticamente local e a gente trabalhava meio que solto. Raramente tinha uma reunião de treinamento. Na parte do trabalho do dia a dia, realmente não teve muita novidade. Mas quando eu entrei no Aché eu vi realmente a grandiosidade que era a empresa, né? E tudo o que acompanha, toda a retaguarda que existia na intenção de realmente tornar você um profissional. Então, aí que foi a novidade. Porque até então eu achava que era tudo aquilo na casa em que eu me encontrava trabalhando, né? Mas aí, quando eu entrei no Aché, você tem um outro tratamento. É uma empresa maior e lhe dava condições bem melhores. Então a novidade foi nesse sentido. Como também do portfólio da empresa, da linha de produtos. Mas, em se tratando de trabalho, do dia a dia em si, eu realmente já conhecia. Não chegou a ser também uma novidade.

P/1 – Como era quando você começou a trabalhar no Aché? Como era o Aché?

R – Era um pouquinho diferente do que é hoje, né? Tinha algumas dificuldades. Realmente muita coisa aconteceu de lá para cá. Mas o trabalho em si permaneceu o mesmo. Tínhamos algumas dificuldades em termos de realizar alguns trabalhos no sentido de visitação. Aquela coisa que é natural do dia a dia. Mas muita coisa mudou. Muita coisa e para melhor. Para o nosso bem estar na empresa.

P/1 – Você começou a trabalhar bem novo, não é? Nessa área de visitação médica?

R – É. Isso.

P/1 – O que te influenciou?

R – Olha, eu entrei mais ou menos com 21 anos de idade. Eu não sabia nem que existia essa profissão. Eu realmente não tinha conhecimento do trabalho realizado pela indústria farmacêutica nesse sentido. Eu ingressei através de um colega que trabalhava em uma distribuidora, que surgiu um gerente de laboratório que estava precisando de um representante. E na ocasião precisava de um carro. Teria que ter um carro para poder pelo

menos participar da entrevista, né? E aí eu fui assim, sem saber o que era. Procurei alguém que já trabalhava. Por coincidência, na rua que eu residia naquele momento, tinha um senhor que o filho dele trabalhava no Aché. Então ele que realmente me esclareceu e me incentivou. O que ele falou para mim não surtiu muito efeito em termos de profissão, porque eu não sabia, não conhecia. O que me interessou foi que eu acreditei nele; ele disse: “Vá, que é uma profissão realmente muito interessante, entendeu? E que você não vai se arrepender.” Porque eu não conhecia nada; não sabia o que era ser representante, como trabalhava. E então eu ingressei com 21 anos de idade. E para mim foi uma surpresa porque é uma profissão realmente muito gratificante, onde você tem a oportunidade de conviver com pessoas super educadas, muito inteligentes. Aí você a cada dia está aprendendo. Então, eu ingressei meio que sem saber o que é que eu ia fazer, em que área eu ia trabalhar. E foi realmente com 21 anos de idade, meio que assim, meio que menino, sem saber o que fazer. Eu não tinha realmente nenhuma meta profissional, assim: eu quero ser isso; eu tinha acabado há pouco tempo os estudos. Eu estava naquelas de ingressar em uma faculdade, de atuar mais na área esportiva, já que eu jogava na época. Então a intenção era atuar, fazer Educação Física e tal. E vim para um lado totalmente diferente.

P/1 – Mas de alguma maneira você continua jogando, não é?

R – Continuo jogando. Pouco, mas jogando. [risos]

P/1 – Conta um pouquinho desses jogos no Aché, essa parte mais de lazer.

R – Olha, é o que a gente... acho que são poucos, né? Poucas pessoas que não gostam de jogar uma bolinha final de semana ou durante a semana de noite. E no Aché temos essa gratidão de poder realmente compartilhar esse lado aí, o lado mais recreativo, o lado mais social, onde a gente, sempre que tem oportunidade... agora mesmo no Natal, a gente toda terça-feira tem um futebol, né? Na terça-feira a noite, mais o pessoal do Aché e com outros colegas da indústria. E aqui, sempre que a gente tem uma reunião ou final de ano mesmo na confraternização, a gente faz sempre um torneozinho e continua. Que é aquela hora que você tem realmente para jogar aquelas coisas negativas, o stress do dia a dia mesmo, ali na partida de futebol.

P/1 – E essa parte de estudo? Você falou que depois que terminou o segundo grau estava pensando, aí entrou e não deu para fazer. E agora você está continuando?

R – Pois é. Nessa primeira casa que eu entrei, o pessoal que administrava em relação ao Nordeste, o diretor, o gerente, eles tinham vindo do Aché. Quer dizer, você vê que é uma série de coincidências, né? A primeira pessoa que me falou sobre o trabalho, como é a indústria farmacêutica, na ocasião ele trabalhava no Aché. E nessa casa que eu fui, a gente trabalhava de uma forma assim: era preposto, e o meu gerente e o pessoal que faziam parte do laboratório aqui no Nordeste, todos eles tiveram e passaram, ingressaram e trabalharam no Aché. Então eles tinham a mesma filosofia, né? Em termos de trabalho, de visitação. E infelizmente, naquele momento, o diretor dessa empresa achava que você indo trabalhar à noite, você talvez não conseguisse se adequar. Não daria para realizar seu trabalho durante o dia e a noite. Isso na outra casa, na primeira casa que eu trabalhei. Então não deu realmente para conciliar. Não dava para a gente, porque eles não permitiam isso. E daí, eu passei para o Aché e a gente continuou naquele ritmo de trabalho. Também tinha, infelizmente, essa questão de não poder associar, que talvez você não conseguisse realizar um bom trabalho por estar estudando e tal. Mas, então não foi possível, né? Então eu fiquei um tempo aí sem poder ingressar na faculdade ou fazer outro estudo. E do ano passado, de 2000 para cá, a gente recebeu essa grata notícia, de poder realmente... você poder estudar, fazer aquilo que você deseja além de trabalhar. Então eu...

P/1 – Que curso você escolheu?

R – Administração.

P/1 – Você está em que ano?

R – Estou no primeiro ano.

P/1 – Está começando.

R – Estou começando mesmo.

P/1 – E com relação à propaganda propriamente dita, tem alguma literatura médica ou algum brinde que tenha te marcado ao longo desses anos?

R – Olha, teve vários, né? Aquilo que eu te falei: tem muitos brindes que marcam realmente. O que eu lembro agora, que me marcou bastante... porque é muito gratificante quando você é lembrado por algo que você fez. Então, agora no final do ano, eu particularmente elaborei uns cartões. Para... é uma forma de você agradecer a atenção do médico que foi lhe dada durante o ano. Então eu mesmo tomei a iniciativa, procurei o pessoal que trabalha nessa área de marketing, de cartão, etc. Eu elaborei um cartão para deixar com a classe médica, aqueles médicos que eu visitei durante o ano, para agradecer, desejar feliz Natal e tal. E um desses médicos, quando eu deixei o cartão, ele disse: “Olha...”, nós conversamos sobre isso e eu mostrei para ele o quanto era gratificante ver quando você deixava um cartão daquele, como as pessoas sentiam bem. Porque uma coisa é você desejar “Feliz Natal” de uma forma normal, porque é um período que todo mundo deseja, mas quando você vê que a pessoa entendeu e viu que aquilo realmente é de verdade, que você está desejando de verdade, não por estar ali ou por ter que desejar. Então a gente conversou, conversamos sobre isso, as situações que são gratificantes você receber de outras pessoas um “Parabéns”, um “Feliz Natal”. E ele me mostrou um brinde que a gente deu do Aché, não lembro qual o ano, que era um Papai Noel, em vela, uma velzinha em forma de Papai Noel. Eu tenho essa velinha hoje, mas a minha acabou desgastando. E a dele está do jeito que ele recebeu. Ele disse que todo natal faz questão de tirar da caixinha e colocar no consultório. E como estávamos no período de Natal, ele disse: “Para você não achar que é mentira minha, vamos aqui.” Então na outra sala, que era a sala onde justamente ele recebe o paciente, a velinha se encontrava lá. Quer dizer, isso já faz mais ou menos uns cinco anos, que eu deixei essa vela. Então foi um brinde que me marcou, talvez por ser mais recente, que ele guardou, ele adorou o brinde. Simples, apenas uma vela em forma de Papai Noel, mas que marcou bastante.

P/1 – Legal. E escuta, em termos de produtos, tem algum que você tenha uma afinidade maior, que você tenha gostado mais de trabalhar?

R – Olha, a gente, é uma característica do Aché, sabe, essa mudança constante. A gente nunca fica realmente só em um lugar ou de repente em uma linha. Isso é interessante porque você acaba conhecendo todos os produtos, né? E os produtos mais marcantes são aqueles que de certa forma você lança. Então eu tive a oportunidade de lançar alguns produtos, como o caso do Bio-Sel, do Capel Shampoo. Foi um produto, talvez pela aceitação, de se tratar de um xampu anti-caspa, que me marcou muito.

P/1 – É um produto cosmético?

R – É, um produto cosmético. Só que a gente trabalhava de uma forma ética, direcionando só para a especialidade de dermatologia. Era um xampu anti-caspa e ele era muito aceito. Porque todo mundo adora um xampu, né? Então, um produto que marcou porque eu lancei. Tiveram outros também, como o próprio Parasin, que é um sucesso hoje, que são, normalmente, são os produtos que você lança, que te marcam mais porque você se identifica, né? E assim acaba que de certa forma mudando. Hoje eu não trabalho mais com nenhum desses produtos, mas basicamente foram esses produtos que eu lancei: Parasin, Bio-Sel, Capel Shampoo, e tiveram outros produtos.

P/1 – E com relação à histórias, de histórias marcantes, os causos de propagandistas? [risos]

R – Os causos da gente. Olha, faz parte do dia a dia, né? A gente sempre se depara com situações engraçadas!

P/1 – Você já viveu alguma?

R – Já, já. Tem pacientes que você chega no consultório, o paciente faz o maior show porque você chegou, vai entrar na frente e tal. Mas o que me marcou, que eu lembro, foi justamente no início mesmo do Aché, e para mim foi super constrangedor porque era o início, era a primeira vez que eu trabalhava com essa pessoa. Quando eu ingressei no Aché, eu tinha um carro, que era um Fusca. E eu adorava o Fusca, né? Era “1962”, o fusquinha. Então assim, você imagina em 1995, você com um carro 1962. Ele era todo adaptado, mas eu adorava o carro porque consegui comprar o carro com os primeiros salários que eu fui recebendo. Então era assim, era o meu primeiro carro e eu era apaixonado pelo carro. E ingressei no Aché com esse carro. Então era um Fusca assim, todo adaptado, ele era todo... o farol eu troquei, botei Fafá de Belém, fazia uma série de coisas, tinha o maior ciúme do carro. Quando eu ingressei no Aché começamos a trabalhar... a primeira pessoa que vem trabalhar com a gente é o supervisor, que é, talvez, a pessoa que está mais próxima da gente no dia a dia. E eu fiquei naquela expectativa, que na época nós tínhamos no Aché dois gerentes, o gerente comercial e o gerente de treinamento.

P/1 – Certo.

R – O gerente comercial veio trabalhar comigo tranquilo, né, numa boa, eu super apreensivo devido ao carro, porque a minha preocupação era o carro, de repente o cara não gostar do carro, vai querer me demitir devido ao carro, mas tudo bem. E fiquei na expectativa. Acho que com seis meses, eu vim de casa trabalhar com o gerente de treinamento, e ele era um cara super cuidadoso, sabe? Gostava das coisas tudo direitinho. E eu fiquei super apreensivo mesmo. Eu digo: “Pô, ele vai chegar no meu carro e não vai gostar do meu carro”, porque o carro, ele tinha... o Fusca, o baixo do carro era meio que furadinho, né, se passasse uma poça de água, com certeza entrava água. Então fui comunicado: “Olha, você vai trabalhar amanhã com o gerente de treinamento. Ele vai estar aqui em Natal e vai trabalhar contigo.” Eu fiquei assim, eu me preocupei mais com o carro do que com o gerente, do trabalho que eu ia realizar. A situação engraçada foi justamente porque eu passei o domingo à noite lavando o carro todo, para tentar amenizar, né? Que o meu carro, o suspiro do carro, em lugar de sair para fora, ele acabou... o cara na oficina, eu enchia tanto, que ele botou o suspiro do carro para dentro do carro. Então ficava um cheiro de gasolina terrível dentro do carro; para amenizar isso aí, eu peguei Bom Ar e joguei no carro todo, depois de ter lavado tudo. Só que eu esqueci que tinha alguns objetos, uns “ôvnizinhos” dentro do carro que de vez em quando aparecia, só que eu não lembrei disso, e ter colocado Bom Ar com certeza deve ter mexido com eles, né? E na segunda-feira logo cedo, peguei o gerente no hotel e estávamos indo para o primeiro lugar, o ponto de trabalho. Isso era umas sete horas, sete e vinte, mais ou menos. E em Natal tem uma rua que é uma das avenidas principais, que ela corta alguns bairros, que é a Avenida Coronel Estevão, popularmente conhecida como Avenida Nova. E no final dessa avenida tem uma ladeira, realmente assim, de uns 500 metros, que quando termina ela junta com a principal do centro, que é a Avenida Rio Branco. Então normalmente quem desce essa ladeira, desce em alta velocidade que é para pegar o embalo e subir a do centro que é a principal, que é a Rio Branco. Já é uma subida também bem inclinada. E logo que saímos do hotel, eu tentei pegar essa avenida, e quando cheguei nessa avenida dei sorte de pegar vários sinais abertos, né? E continuei. Quando cheguei no início da ladeira, que eu estava em alta velocidade, você imagina um Fusca dentro da cidade em uma velocidade média de 70, 80 quilômetros, então, ele já ficou meio assim. Ele disse: “Pô, esse carro está bem? Você anda bem nesse carro?”; eu disse: “Olha, esse carro é tranquilo”; e ao iniciar a ladeira eu coloquei no ponto morto, né, e comeci a injetar o pedal do freio. Esse meu carro tinha a necessidade de você estar sempre injetando, mesmo estando parado você precisa injetar o pedal do freio, porque a hora que você precisasse, se você não tivesse injetado antes, dado umas pedaladas, ele não funcionava. Eu não sei por qual motivo, eu não sei se é porque era velho, o que era. Quando eu comeci no início da ladeira a injetar, ele se assustou, ele disse: “O que é que você está fazendo?” Eu disse: “Não, eu estou injetando aqui porque se precisar frear, tem freio, se não fizer isso, não freia.” Ele entrou em desespero: “Pô, como é que você desce uma ladeira?” Só que o pior estava por acontecer. Nessa ladeira, nessa rua, você tem contra fluxo dos ônibus, então para nós em Natal é natural você ir descendo, você ver o ônibus subindo também, de certa forma, rápido. Mas aquilo ali para a gente é normal, né? Você já conhece o trânsito, mas para quem não conhece causa um certo medo. Por quê? Porque você vem descendo. Eu vinha com 80 quilômetros descendo, injetando o pedal. No final da ladeira, o ônibus, dá impressão que ele vem, desaparece um pouco e aparece novamente, na esquina, aí dá impressão que ele vai passar para cima de você, ou vai cruzar seu carro. Esse gerente de treinamento já vinha altamente desesperado, reclamando porque eu estava andando com ele em um carro que não tinha freio e de repente o ônibus surgiu na nossa frente. Só que ele aparece e some novamente, né? E por coincidência, foi justamente quando estávamos cruzando. Então, assim, a situação engraçada foi essa. Porque ele entrou em um desespero tão grande, eu acho que...

P/1 – Ele achou que ia morrer.

R – Achou que ia morrer. É aquele desespero que você de repente sabe que vai acontecer e que você vai morrer ali, né? Porque a sensação, depois eu passei lá outras vezes, e a sensação para quem não conhece é que você vai morrer. Que você está em um carro descendo em alta velocidade, sem frear, sem freio e de repente um ônibus surge na sua frente. Então esse cara entrou em desespero, gritou para caramba. Só não saiu do carro porque o cinto do carro na época era preso; do jeito que ele estava preso, ele não saía mais. Então você tinha que tirar o cinto de outra forma. E para complicar isso aí, quando passou o susto, chegamos no primeiro ponto, a primeira coisa que ele disse foi o seguinte: “Olha, eu não vou nem lhe avaliar na parte de propaganda médica. Agora, eu acho que vou deixar um bom tempo sem vir trabalhar com você. Mas na próxima vez que eu vier, pelo amor de Deus, não tenha mais esse carro. Venda o carro, que esse carro não dá para trabalhar, não.” E para complicar mais ainda, durante o dia eu tentei, através do trabalho, suprir isso aí, mostrar um trabalho excelente para ele esquecer o carro. E para terminar essa história que me aconteceu, que foi a primeira, ao chegarmos no hotel, como eu tinha colocado o Bom Ar no domingo a noite, quando chegamos no hotel ele parou e achou que tinha alguma coisa na perna dele. Aí, a surpresa maior é justamente essa aí, né? Que foi a coisa desagradável que aconteceu, tinha uma barata que era do carro por eu ter jogado Bom Ar; que ela fica quietinha lá, mas aí, como eu joguei Bom Ar na noite anterior, deve ter mexido lá. Quer dizer, eu estava tentando fazer de tudo para ter uma boa impressão, né?

P/1 – A barata subiu pela perna dele?

R – Na perna dele. E eu achando que ia agradar, quando é no final da noite eu digo: “Pronto, pelo menos o trabalho foi agradável.” Quando chega no hotel, ele diz: “Rapaz, tem alguma coisa na minha perna”, quando levantou tinha uma barata daquelas grandes mesmo. Mas graças a Deus, assim, com o trabalho mesmo do dia a dia, deu para suprir essa deficiência que era o veículo, né? Que era o carro.

P/1 – E em termos da companhia, qual você acha que é a principal característica do Aché?

R – Olha, é a visitação. Diante da indústria farmacêutica, é a visitação. É o que mais marca a gente. É claro que junto com a visitação, vem uma série de coisas por trás, né? Mas o principal que eu percebo quando a gente conversa com os médicos, fora do consultório, você tem a oportunidade; todo médico fala assim: “Rapaz, o que marca o Aché é a visitação.” É aquela coisa da gente estar sempre presente. São vários

homens, quer queira quer não, todo dia o médico está recebendo uma pessoa diferente, um representante diferente. Eu acho que o que mais marca é a visita médica, o grande diferencial.

P/1 – Certo. E essa visita no Aché tem alguma característica específica, com relação a outros laboratórios?

R – Tem, tem assim, além da quantidade, é difícil explicar. A gente tem.. acho que quando você entra aqui no Aché, você adquire um espírito diferente, né? Por maiores que sejam os outros laboratórios, que têm algumas multinacionais, a gente tem aquele lado, talvez de humildade, de se achar, talvez, de certa forma, inferior, mas aquilo ali transforma realmente no diferencial. A gente está sempre presente. Você está sempre atendendo as solicitações. Então, além da visita, a cara dos funcionários é um pouco diferente de outras casas.

P/1 – A gente já está encaminhando para o final, então eu queria saber o que você acha dessa iniciativa do Aché estar contando as suas histórias.

R – Olha, é aquilo que a gente já tinha falado anteriormente, né? Eu acho muito gratificante. Eu estou há pouco tempo em casa, há alguns anos, mas tem pessoas que com certeza tem mais de 10 anos, 15 anos, 20 anos. Então é muito gratificante para você amanhã ou depois saber que um pouco da sua história, um pouco de você, está sendo lembrado, está sendo lido por alguém, alguém está sabendo do que aconteceu aqui. Eu acho uma iniciativa assim, excelente. Eu acho que já poderia ter acontecido, mas está acontecendo em um momento muito especial, um momento de mudança que a empresa está passando. Eu acho uma iniciativa excelente.

P/1 – Tem mais alguma coisa que você gostaria de deixar registrado, que você não contou?

R – Não, não.

P/1 – Está joia. Eu queria agradecer a sua participação. Obrigada.

R – Eu é que agradeço. Obrigado.

--- FIM DA ENTREVISTA ---